



Relatório temático do Património Cultural

Versão final

junho / 2016

1.	INTRODUÇÃO E METODOLOGIA	2
2.	TIPOS DE PATRIMÓNIO CULTURAL	3
2.1.	Património Arquitetónico	3
2.1.1.	Final do Século XIX /Início do Século XX.....	3
2.1.2.	“Casa de Brasileiro”	4
2.1.3.	“Casa Portuguesa”	5
2.1.4.	Modernismo	6
2.1.5.	Contemporâneo	7
2.1.6.	Plano Centenário – Escolas	8
2.1.7.	Moinhos hidráulicos.....	9
2.1.8.	Outros conjuntos	10
2.1.9.	Conjunto de interesse arquitetónico e urbanístico	13
2.2.	Património Religioso	13
2.2.1.	Igrejas e Capelas.....	14
2.2.2.	Cruzeiros e Capelinhas	14
2.3.	Património Arqueológico	14
2.3.1.	Zona Arqueológica Classificada.....	15
2.3.2.	Zonas Arqueológicas Inventariadas.....	16
2.3.3.	Zonas Arqueológicas Potenciais	16
2.4.	Património Industrial	18
2.4.1.	Chaminé.....	18
2.5.	Património Imaterial.....	18
2.5.1.	Arte Xávega.....	18
2.5.2.	Batalha de Flores.....	19
2.5.3.	Os Banhos de Mar em Espinho	20
2.5.4.	Jogo de fortuna ou azar.....	20
2.5.5.	Festival Internacional de Música de Espinho – FIME	21
2.5.6.	Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho – CINANIMA....	22
2.5.7.	Feira Semanal	23
2.5.8.	Violinos Capela – três gerações de artistas.....	24
2.5.9.	Festas religiosas	25
3.	CONCLUSÃO	27
4.	FONTES DOCUMENTAIS	28
5.	ANEXO I – Listagem dos elementos identificados como Património Cultural.	30

1. INTRODUÇÃO E METODOLOGIA

Património, por definição, é o conjunto de bens que herdamos dos nossos antepassados. É uma propriedade comum, pela memória coletiva que representa. Segundo a lei de bases do Património Cultural (Lei nº107/2001), o Património é constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.

Na sua generalidade, foram identificados elementos como Património Cultural e por isso, devem ser reconhecidos como oportunidades de valorização do território, e consequentemente preservados.

São elementos de valor arquitetónico, arqueológico, industrial, histórico, sociocultural, e com valor de génese popular, contemplados na proposta do Plano Diretor Municipal e abordados no presente documento.

Estes elementos encontram-se devidamente representados na Planta de Ordenamento – Património Cultural (1B1 e 1B2) e distribuem-se entre conjunto de interesse arquitetónico e urbanístico, património arquitetónico, religioso, arqueológico, industrial e outros conjuntos. Esta planta deve tornar-se um instrumento de apoio quotidiano, um documento operativo e estratégico. Reforça a valorização e proteção dos edifícios, conjuntos urbanos e áreas relevantes a nível arquitetónico e paisagístico, considerando-as fatores de desenvolvimento do Concelho.

A metodologia aplicada na elaboração deste trabalho, baseou-se na seleção e identificação dos elementos que representam valores arquitetónicos, históricos e simbólicos na ocupação e uso do território, assim como do património arqueológico e imaterial.

Este trabalho desenvolveu-se a partir do levantamento realizado no local e análise da cartografia. Como elementos de apoio foram consultadas fontes bibliográficas, processos arquivados na Câmara Municipal de Espinho, os documentos referentes no Plano Diretor Municipal de 1994, estudos efetuados no âmbito da revisão do PDM em vigor, entre outros e informação disponibilizada na Direção Geral de Cultura do Norte.

A seleção e identificação dos elementos teve por base os seguintes critérios:

- a) Interesse como testemunho simbólico ou religioso.
- b) Conceção arquitetónica, urbanística ou paisagística.
- c) Importância do ponto de vista da investigação histórica, científica ou industrial.
- d) Importância no carácter coletivo da comunidade.

O trabalho é composto também por fichas de identificação, que contêm informação sobre o elemento ou conjunto. Ao nível da caracterização, reuniu-se um conjunto de dados que possibilitam um conhecimento específico do objeto em estudo, assim como:

- a. Referência;
- b. NIP (número identificação polígono)
- c. Tipologia (Civil, Religiosa)
- d. Designação
- e. Localização
- f. Freguesia
- g. Época construção
- h. Uso predominante

Cada ficha, para além da caracterização, tem as fotografias necessárias à identificação do elemento ou conjunto, assim como informações sobre envolvente, estado de conservação, possibilidade de restauro, informações técnicas (que podem ser

processos associados), coordenadas geográficas e descrição detalhada, sempre que possível.

São no seu total 205 fichas de identificação de elementos (conforme listagem no Anexo I) e 8 fichas referentes a outros conjuntos.

2. Tipos de Património Cultural

2.1. Património Arquitetónico

Ao visitar Espinho, vemos edifícios de épocas e estilos arquitetónicos diferentes implantados na cidade. Apesar de ter perdido parte do seu edificado, é possível ainda perceber algumas características da sua evolução.

O levantamento feito no âmbito do Plano Diretor Municipal de 1994 abrange edifícios singulares e conjuntos de interesse arquitetónico e urbanístico a salvaguardar. No presente relatório, a identificação do património arquitetónico está feita por estilos ou tipos. Procedeu-se desta forma ao enquadramento em 9 grupos distintos:

2.1.1. Final do Século XIX / Início do Século XX

As casas espinhenses do final do século XIX e princípio do século XX são, na maior parte dos casos, compostas por um ou dois pisos, sendo um piso para habitação e com diferentes proporções. Simultaneamente, é possível identificar a cave através dos vãos que se situam paralelamente abaixo dos vãos das janelas superiores. O acesso à habitação é feito através de um portão lateral, sendo este o acesso à entrada principal. São fachadas de grande simplicidade e simetria, onde se destacam a decoração ao nível dos revestimentos ou guarnições de portas, janelas e varandas.

Da mesma forma, podemos encontrar estas singularidades ao nível do tratamento das cornijas (escalonadas ou não) nas platibandas. Na grande parte dos casos são abalaustradas, com estátuas em cerâmica e brasões decorados com motivos florais. Pontualmente, existem exemplos em que as cornijas acompanham o telhado, conferindo assim à fachada uma forma triangular. Estes edifícios são normalmente inseridos em conjuntos de edifícios do mesmo estilo.

O revestimento das fachadas é feito com azulejo, que se destaca como o elemento mais comum, seja ele mono ou policromático, trazendo uma diversidade de cores e padrões no aspeto decorativo.

Mantendo as características anteriores mas com maior prestígio e notoriedade, temos outros edifícios, onde as diferenças são visíveis na decoração das guarnições das portas e das janelas, sendo estes detalhes construtivos feitos em pedra. É comum o último piso ser tratado com maior distinção.

Com um desenho semelhante mas sem esta singularidade nos detalhes das fachadas, existem vários edifícios por toda a cidade (grande parte deles associavam a habitação, serviços e/ou espaço comercial). Apenas apresentam diferença ao nível do tratamento do revestimento das fachadas ou vãos. Normalmente os pisos reservados ao comércio situam-se no piso térreo, sempre voltados para a via pública. Nestes casos, as molduras dos vãos são feitas em argamassa, imitando a pedra.

Alguns destes edifícios apresentam-se com três fachadas livres, sendo uma delas voltada para um pátio ou jardim. Quando situados nos gavetos dos quarteirões, temos

exemplos de edifícios com uma das fachadas revestidas a azulejo e a outras apenas pintada.

É o estilo mais significativo quanto ao nível de número de edifícios em todo o Concelho de Espinho.



1. Diferentes exemplos de casas espinhenses do Séc. XIX – Séc. XX.

2.1.2. “Casa de Brasileiro”

Estas “casas” surgem como uma consequência de uma situação económica que o país atravessava no final do século XIX. Após a necessidade de procurar no Brasil melhores condições de vida, os emigrantes regressam e marcam este tipo de arquitetura civil em Espinho com características decorativas distintas.

Os edifícios ficaram conhecidos como a “Casa do brasileiro”. Dentro desta tipologia, encontram-se vários modelos como os palacetes ou versões menos imponentes ou exuberantes e são precisamente estes exemplos que podemos encontrar no Concelho de Espinho.

As características mais marcantes destes edifícios são a riqueza estética e volumétrica que apresentam. Ao nível da estrutura construtiva são compostas por um piso térreo, andar nobre, às escadarias em pedra e torreões (que acentuam a verticalidade do edifício), aos detalhes como as guardas de ferro ou alvenaria, aos frisos revestidos ou não a azulejo, à presença de óculos, nichos e pilastras com capitéis.

É também visível um número significativo de portas e janelas com moldura e é neste tipo de edifício que podemos encontrar também características da Arte Nova, nomeadamente ao nível dos azulejos e do ferro forjado.

Os azulejos podem ser encontrados em remates de janelas e alpendres ou apenas nos frisos e a sua temática abrange motivos figurativos e florais, como o exemplo da Casa dos Girassóis.

A aplicação do ferro como solução decorativa surge com exuberância em varandas e portões, gradeamentos das bandeiras das portas principais ou nos vãos das caves que estão voltados para a rua principal. Neste campo, a vegetação mantém-se como tema dominante.



2. Exemplos de Palacetes e Vilas.

2.1.3. "Casa Portuguesa"

" (...) A questão da Casa Portuguesa, na passagem para o século XX, é reflexo do debate sobre a identidade política, cultural e artística como manifestações da procura de uma identidade original portuguesa."

" (...) Pressupunha-se sempre a defesa de um estilo nacional para edificações simples e baratas, que era também, na circunstância do século XX português, uma das respostas possíveis face à crescente exigência económica, construtiva e espacial, prefigurando uma arquitectura pitoresca com telhados e beirais vagamente acentuados, vãos guarnecidos com molduras, portadas e alpendres. (...) Estas edificações, casas, prédios ou equipamentos ficariam conhecidas pela designação genérica de Casa Portuguesa, marcando definitivamente a história da arquitectura portuguesa."

(Rui Jorge Garcia Ramos, Casa Portuguesa, Dicionário de História da I República e do Republicanismo)



3. Exemplos de "Casas Portuguesas".

Este estilo arquitetónico está presente em alguns edifícios do Concelho. São características marcantes o uso da telha tradicional portuguesa em meia cana assim como o emprego de azulejos nas paredes. Estas mostram-se caiadas de branco, conjugadas com os beirais e os "vãos *guarnecidos com molduras, portadas e alpendres*". É comum também algumas obras desta época serem identificadas com o estilo "sabor português" ou "Português Suave".

2.1.4. Modernismo

A procura da geometrização das formas e um desenho mais rigoroso, traduzem-se num movimento artístico que contrasta com a Arte Nova.

O recurso à linha reta assim como a redução da volumetria, marcam um novo estilo arquitetónico que em Portugal se prolongou até à década de 40 e 50.

Procurou-se a racionalização das composições volumétricas e da ornamentação, a simplicidade estrutural e uma assumida clareza das fachadas sublinhando a importância da harmonia das proporções.

Este tipo de edifícios em Espinho apresenta-se tanto em conjuntos (vários elementos com alguma proximidade quanto à sua localização), como pontualmente localizados na cidade.

As varandas apoiadas em mísulas escalonadas, as formas triangulares e retilíneas nas janelas, o tratamento dos remates dos entablamentos assim como o seccionamento de lintéis, são das características mais marcantes, estando presentes também em edifícios de maior escala, como é o exemplo da Tipografia Espinhense.

O movimento “Art Déco” revela-se nestes exemplos. É igualmente comum ver detalhes nos cunhais, com motivos geométricos tubulares verticais ou horizontais. Além dos elementos edificados, encontramos detalhes como portões com formas abstratas e geometrizantes.

A partir dos anos 40/50 começam a surgir em Espinho casas da autoria do Arquiteto Jerónimo F. Reis. A modernidade assume linhas ainda mais racionais, uma crescente acentuação dos planos horizontais e uma composição volumétrica de maior clareza formal.



4. Exemplos de edifícios relacionados com o Modernismo em Espinho.

2.1.5. Contemporâneo

A procura de inovação de espaços, o desenvolvimento da construção e idealização de novos conceitos (com base em diferentes materiais e técnicas), faz nascer uma nova arquitetura no Concelho.

Localizados na freguesia de Espinho, apresentam-se na sua maioria como equipamentos. O Centro Multimeios de Espinho e o Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE) são da autoria do arquiteto Nuno Lacerda.

A Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva e o Auditório de Música de Espinho são da autoria do arquiteto Rui Lacerda.

São edifícios que, pela sua forma, escolha dos materiais utilizados e a sua relação com a envolvente se destacam dos restantes. Evidenciam-se pela contemporaneidade arquitetónica na cidade.



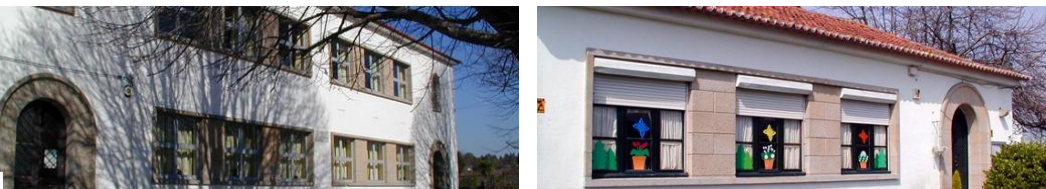
5. Edifícios contemporâneos.

2.1.6. Plano Centenário – Escolas

Existem atualmente dez edifícios que pertencem ao “Plano Centenário”, com data de construção no tempo do Estado Novo, entre 1940-1965.

Verifica-se no entanto que parte destes edifícios encontram-se desativados.

Temos três escolas na freguesia de Paramos, sendo elas a escola EB1 da Bouça, EB1 da Lomba e a escola do Monte; duas escolas na freguesia de Silvalde, que são a escola EB1 da Marinha e a escola do Calvário; e quatro escolas na União de Freguesias de Anta e Guetim, sendo estas a escola EB1 de Esmojães, a escola da Aldeia Nova, a da Idanha e escola Anta 2 e uma na freguesia de Espinho, a escola EB1 de Espinho.



6. Escolas do Plano Centenário.

2.1.7. Moinhos hidráulicos (Cariz etnológico)

Enquadrados num ambiente pitoresco, os moinhos hidráulicos localizam-se, na sua maioria, nas margens dos rios ou ribeiras. Existem seis moinhos hidráulicos, todos em bom estado de conservação e preservados a nível de integridade, com apenas uma exceção, o do Rodízio da Picadela.

Foram identificados como Património Arquitetónico de cariz etnológico e todos são propriedades particulares.

Segundo o levantamento existente temos:

- Moinho Hidráulico de Rodízio do Carvalho de Baixo, localizado no Carvalho de Baixo, pertencente à União das Freguesias de Anta e Guetim;(1)
- Moinho Hidráulico de Rodízio do Praule, localizado no Praule, pertencente à União das Freguesias de Anta e Guetim;(2)
- Moinho Hidráulico de Rodízio do Gavião, localizado no Gavião, pertencente à União das Freguesias de Anta e Guetim;(3)
- Moinho Hidráulico de Rodízio da Picadela, localizado na Rua da Picadela, pertencente à União das Freguesias de Anta e Guetim;(4)
- Moinho Hidráulico de Rodízio de Covelos, localizado em Covelos, pertencente à Freguesia de Silvalde;(5)
- Moinho Hidráulico de Rodízio das Escadas da Relva, localizado nas Escadas da relva, pertencente à Freguesia de Silvalde.(6)



7. Moinhos hidráulicos de rodízio.

2.1.8. Outros conjuntos

Além da definição por tipos arquitetónicos, foi importante destacar alguns grupos ou conjuntos que conferem diversidade e singularidade ao património arquitetónico da cidade de Espinho. Estão divididos em nove conjuntos, identificados do **A** ao **H**.

Conjunto A – Rua 62, mantendo ainda edifícios característicos dos finais do século XIX e princípios do século XX, em bom estado de conservação.



Conjunto B - Rua 16, de carácter residencial com diferentes variantes de construções do início do século XX. Destaca-se a composição e diversidade do conjunto.



Conjunto C - Rua 18, de carácter residencial e comercial, onde o estilo predominante é do final do século XIX e início do século XX. São revestidos a azulejo nas suas fachadas principais.



Conjunto **D** - **Rua 19**, sendo o eixo que atravessa a cidade no sentido nascente/poente e no qual se apoia a parte mais significativa do comércio e serviços. Parte da via é pedonal e mantém edifícios característicos dos finais do século XIX e princípios do século XX, em bom estado de conservação. Não obstante, estes convivem pontualmente com alguns edifícios de uma época mais modernista. É um dos conjuntos mais relevantes da cidade.



Conjunto **E** - **Rua 8/10/27/29**, de carácter residencial. São construções do final do século XIX e início do século XX, em bom estado de conservação, sendo evidente a unidade do conjunto.



Conjunto **F** - o da **Rua 29**, de carácter residencial, é talvez dos conjuntos mais característicos da diversidade formal e estética na arquitetura da cidade de Espinho. São construções do início do século XX que convivem com o modernismo de uma forma harmoniosa.



Conjunto **G** - o da **Rua 20**, também de carácter residencial apresenta-se pela sua coerência formal. São construções do início do século XX, em bom estado de conservação, sendo evidente a unidade do conjunto.



Conjunto **H** - o da **Rua 14/16/35**, de carácter mais residencial, onde o estilo predominante é do final do século XIX e início do século XX. São edifícios revestidos a azulejo na sua fachada principal, com platibanda balaustrada. É comum a existência de cimafrentes datados ou estátuas. Temos aqui presente o exemplo das entradas para as habitações serem feitas por um acesso lateral.



2.1.9. Conjunto de interesse arquitetónico e urbanístico

No que diz respeito à malha urbana, esta assume-se como a área mais antiga da cidade, e de perfil multifuncional.

Embora com prevalência de habitação, esta apresenta-se como a matriz identitária da cidade de Espinho. Desenhada em conformidade com o traçado da linha férrea, e de alguma rigidez formal, a malha é uma das principais referências deste território. É marcada pela ortogonalidade do seu traçado, pontuada por edifícios de valor arquitetónico. Entre estes estão valores e memórias do período áureo do turismo balnear.

Define o núcleo central, já consolidado e assume-se como o mais denso da cidade. A sua singularidade advém precisamente da regularidade da malha.



8. Cópia da Planta de 1870. Fonte: CASTRO, 2005

2.2. Património Religioso

Foi dividido em dois grupos por uma questão de escala. Temos assim as igrejas e as capelas no primeiro grupo, divididas pelas freguesias do Concelho e no segundo grupo, os cruzeiros e as capelinhas.

Este tipo de património, apesar da sua dimensão a nível territorial, é bastante significativo.

Existem as igrejas paroquiais das freguesias, mas também capelas e outros elementos inseridos em conjuntos devocionais. Estes conjuntos devocionais são os que contemplam os cruzeiros e as capelinhas.

2.2.1. Igrejas e Capelas (17 elementos – 5 igrejas e 12 capelas)

Destes elementos, devemos referenciar que três igrejas são datadas até final do século XIX, tais como a Igreja Paroquial de Guetim (1872), a Igreja Paroquial de Anta (séc. XVIII) e a Igreja Paroquial de Paramos (1886), e das doze capelas, cinco fazem parte deste grupo. São elas a Capela de Santa Maria Maior (1877), a Capela da Senhora da Boa Hora ou Boa Nova (1ª metade do século XIX), Capela do Nosso Senhor do Calvário (1879), Capela da Nossa Senhora da Guia e Capela do Senhor do Calvário (ambas do séc. XVIII).



9. Igrejas e Capelas.

2.2.2. Cruzeiros e Capelinhas (9 elementos – 8 cruzeiros e 1 conjunto de capelinhas)

Estes elementos ou conjuntos devocionais, apontam a factos religiosos e definem um percurso.



10. Cruzeiros e Capelinha.

2.3. Património Arqueológico

O património arqueológico, tal como é definido pelo Dec. Lei nº 107/2001, de 8 de Setembro, é constituído por todo o género de vestígios materiais, de maior ou menor antiguidade, que documentam a atividade humana e a sua relação com o ambiente em épocas passadas. Tais vestígios podem encontrar-se no solo, no subsolo ou em meio submerso e integram objetos, depósitos estratificados, estruturas, construções ou

conjuntos arquitetónicos, evidências de alteração das paisagens ou outros sinais que testemunham atos e vivências anteriores aos nossos tempos.

É um elemento essencial para o conhecimento da história e da cultura dos povos. A metodologia utilizada no levantamento do património arqueológico do Concelho de Espinho assentou essencialmente na pesquisa documental, bibliográfica e cartográfica e nas ações de prospeção e reconhecimento de campo.

As informações recolhidas que estiveram na origem da Identificação do Património Arqueológico para cada sítio estão definidas através da localização, da categoria (classificadas, inventariadas e potenciais) e o período histórico em que se inserem. Na localização é definida a Freguesia, o Lugar e coordenadas geográficas (quando possível e apenas referente a um ponto para localização aproximada do sítio arqueológico). No campo do período histórico foram utilizados os descritores correntes do *thesaurus* da base de dados *Endovélico*.

Quanto à categoria, as Zonas de Valor Arqueológico distinguem-se como Zonas Arqueológicas Classificadas, Zonas Arqueológicas Inventariadas e Zonas Arqueológicas Potenciais. Estão também identificados os Sítios Arqueológicos designados por Espinho 1, Espinho 2 e Espinho 3, como sendo do tipo naufrágio e um outro designado como Mocho que, apesar de não estarem identificados em planta (pela dificuldade de localização específica), constam da Base de Dados Nacional. Este último corresponde a uma intervenção de minimização de impacto da obra de rebaixamento da linha de caminho de ferro que atravessa Espinho.

2.3.1. Zona Arqueológica Classificada

Castro de Ovil - código nacional de sítio 1141 / Referência 213 na Planta do Património Cultural.

Localização: Paramos, Castelo, Monte

Classificado como Imóvel de Valor Concelhio, pelo decreto n.º 29/90, publicado no Diário da República - I Série, n.º 163, de 17 de Julho de 1990.

Período Histórico: Idade do Ferro; Idade Média; Idade Moderna; Industrial

Descrição: Ruínas de um povoado fortificado da Idade do Ferro, rodeado por taludes e fossos, com origem no final do século IV a.C. e abandonado no início do séc. I d.C., durante a intensificação do processo de romanização da região. O Castro de Ovil encontra-se ainda abundantemente documentado na Idade Média. A área arqueológica integra ainda as ruínas da Fábrica de papel Castelo fundada em 1836. Entre 1994 e 2001 realizaram-se trabalhos arqueológicos integrados no projeto de investigação "O Castro de Ovil e o povoamento da região de Espinho da proto-história à romanização" sob direção de Jorge F. Salvador e António S. P. Silva. A estação arqueológica tem sido alvo de ações pontuais de valorização.



11. Imagens das ruínas da Fábrica de Papel e do Castro de Ovil.

2.3.2. Zonas Arqueológicas Inventariadas

Complexo arqueológico de Silvalde (Armadilha de Pesca) - código nacional de sítio 22733 / Referência 214 na Planta do Património Cultural.

Localização: Silvalde, Praia da Carreira de Tiro

Período Histórico: Romano

Descrição: Em 1990 foram realizadas escavações arqueológicas na praia da carreira de tiro, em Silvalde, numa área exposta pelas marés vivas, que permitiram identificar uma armadilha de pesca da época romana.

O engenho compunha-se de três estruturas em madeira formadas por duas fiadas paralelas de estacaria cravada no sedimento, que se encontravam entrelaçadas de vimes.

Estas estruturas estariam relacionadas com atividades piscícolas ou pesqueiras aproveitando a amplitude do fluxo das marés em ambiente protegido do tipo golfo ou lagunar da atual Barrinha de Paramos/Esmoriz.

Casa dos Morgados - Referência 215 na Planta do Património Cultural.

Localização: Paramos, Quinta

Período Histórico: Idade Média; Idade Moderna

Descrição: A *Quinta e Honra de Paramos* tem origem no século XIII e passou dos *Nogueiras* aos *Cerveiras*, e destes aos *Pintos*. A Casa, no sítio da *Quinta*, é um edifício de lojas e um andar, que datará do séc. XVII. Do *solar* dos senhores Morgados, restam a escada nobre, a pedra de armas, o corpo central do edifício. A pequena capela anexa foi demolida da década de 70 ou 80 do século XX.

2.3.3. Zonas Arqueológicas Potenciais

Sítio da Igreja Velha (Antiga Igreja de S.Salvador de Guetim)

Localização: Anta, Rua da Igreja Velha, Quinta da Igreja Velha, Guetim (41.022189, -8.607582)

Período Histórico: Idade Média

Descrição: Pequeno e antiquíssimo núcleo populacional, para onde diz a tradição, foi mudada em cerca de 711, a primitiva povoação de S. Fins da Marinha e, a *Igreja Desfeita*. A Igreja de S. Salvador de Guetim surge referenciada na documentação desde o século XII. A povoação onde se encontra a atual Igreja de Santo Estêvão é designada por Igreja, e por Igreja Velha o sítio da anterior.

Troços da Via Romana (Paramos e Anta/Guetim)

Localização: Paramos, Rua Padre Sá

Período Histórico: Romano; Alta Idade Média

Descrição: Embora desconhecida em parte do seu traçado, a via romana que partia de *Cale* (Porto) e seguiria para sul, ao longo da faixa litoral, até Cabanões (Ovar), passava em Esmoriz nas proximidades de Chão de Grilo, onde apareceu em 1931 uma necrópole romana escavada pelo Engenheiro Rui de Serpa Pinto.

Segundo a tradição romana as necrópoles situavam-se ao longo das vias, para que os mortos fossem recordados pelos viajantes. Dada a proximidade do local com a freguesia de Paramos, podemos facilmente presumir que a referida via romana era parcialmente coincidente com este troço da Rua Padre Sá em Paramos.

Localização: Anta, Congosta, Carreira do Pereiro (41.012198,-8.62533)

Período Histórico: Romano; Alta Idade Média

Descrição: O traçado da via romana que partindo de *Cale* (Porto) seguiria pelo litoral, seguindo a linha de costa, passaria pela Madalena, Gulpilhares, Lugar de Espinho em

S. Félix da Marinha, e faria a travessia da ribeira do Mocho muito provavelmente na zona da Congosta (Carreira do Pereiro) onde existem vestígios de uma ponte em pedra. Atravessava a freguesia em direção ao sopé do Castro de Ovil e daí à necrópole de Chão de Grilo.

Mosteiro de S. Martinho de Anta

Localização: Anta, Congosta

Período Histórico: Idade Média

Descrição: O Mosteiro de S. Martinho de Anta foi fundado entre 1017 e 1026, pelos senhores de Marnel, e entregue a Tudeildo, abade de Vacariça. Cerca de 1045, a *basilica* deve ter sido extinta e transformada em *eclesia*, mantendo o mesmo orago, S. Martinho. Terá servido como paroquial até aos séculos XVII ou XVIII, data de conclusão da actual Igreja. As informações recolhidas indiciam que a antiga Igreja de Anta ficaria a norte, junto à ribeira, no carreiro do Pereiro.

Antiga Igreja de S. Mamede de Esmojães

Localização: Anta, Rua de S. Mamede (40.996633, -8.609856)

Período Histórico: Idade Média

Descrição: A Igreja de S. Mamede de Esmojães surge referenciada na documentação desde 922. Entre o século XIV e XV, a paróquia de Esmojães foi extinta e a sua igreja anexada a Anta. Demolida antes de 1758. As informações recolhidas apontam as proximidades da Rua de S. Mamede como a sua mais provável localização.

Antiga Igreja de Santo Tirso de Paramos

Localização: Paramos, Av. da Igreja

Período Histórico: Idade Média; Idade Moderna

Descrição: A primitiva Igreja Matriz de Paramos teria sido edificada no final do século XII ou no princípio do século seguinte e o seu local seria, segundo reza a tradição, onde hoje está implantado o cemitério. A segunda ou terceira igreja matriz de Paramos data dos fins do século XV, pois consta de documentos notariais – *antecedeu a instituição do Morgadio*. A sua descrição encontra-se nas *Memórias Paroquiais*. Para a construção dela concorreu certamente a *casa grande* da freguesia, pois os Morgados de Paramos (Pintos) reservaram a capela-mor dessa igreja para sua sepultura e se assentavam em poltrona, junto do arco do cruzeiro. Foi demolida esta igreja em 1890.

Antiga Igreja De S. Tiago De Silvalde

Localização: Silvalde, Largo da Igreja

Período Histórico: Idade Média

Descrição: A antiga Igreja de Silvalde surge referida na documentação desde o século XII. O estado de degradação e a falta de condições para a prática do culto estiveram na origem da sua substituição pela actual Igreja Paroquial, iniciada em 1903 e concluída cerca de 1906. Este primitivo templo dedicado a S. Tiago teria sido erguido ligeiramente a norte da actual Matriz e no terreno do adro que medeia com o edifício da Junta de Freguesia.

Antiga Capela de Nossa Senhora das Dores

Localização: Silvalde, Covelos

Período Histórico: Idade Média, Idade Moderna

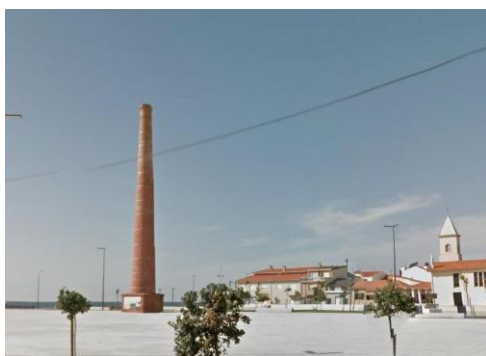
Descrição: A primitiva capela da Nossa Senhora das Dores é anterior ao século XVIII. A actual é uma reconstrução moderna provavelmente de 1927, data que se encontra gravada no umbral da porta principal.

2.4. Património Industrial

Simultaneamente, são identificados elementos que marcam o carácter industrial que fez parte da história do Concelho de Espinho. A este nível estão referenciadas as chaminés ainda em bom estado de conservação, localizadas junto a unidades fabris desativadas.

2.4.1. Chaminé

Como elemento de carácter industrial, sendo o exemplo que melhor representa este tipo de valores, esta chaminé industrial em alvenaria de tijolo situa-se na Praça do Mar, junto ao Fórum de Arte e Cultura de Espinho (FACE).



12. Chaminé industrial em alvenaria de tijolo.

2.5. Património Imaterial

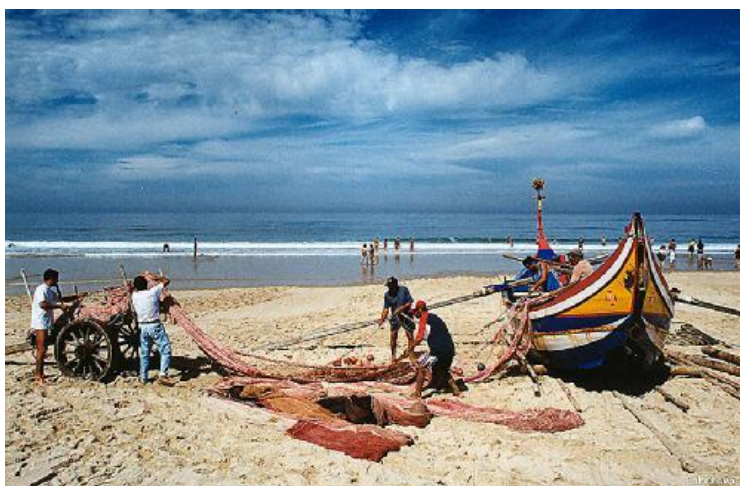
Inserido num âmbito cultural, simbólico e popular, mas claramente identitário, temos o património imaterial.

Representa todo um legado social que permanece intemporal. Espinho tem um vasto conjunto de elementos patrimoniais de carácter imaterial, conferindo-lhe grande visibilidade a nível nacional e internacional, assim como reconhecimento e singularidade. Exemplos disso são a Arte Xávega e a Batalha das Flores, entre outros. Estão identificados nove exemplos, descritos individualmente:

2.5.1. Arte Xávega

A “Arte Grande” ou “Arte Xávega”, é um tipo de pesca artesanal que remonta aos inícios do século XVIII e que está intrinsecamente ligada às tradições do povo vareiro e às origens do povoamento de Espinho. Assente numa técnica de pesca com características peculiares, da qual devemos destacar o tipo de embarcação, as dimensões das redes e um tipo humano original, o vareiro, que desenvolveu uma forma particular de organização social, a xávega, constitui, também, um alicerce que sustenta o património económico e cultural de Espinho.

As quatro companhas no ativo, que se dedicam à pesca do arrasto entre os meses de Abril a Outubro, são as fiéis depositárias de um legado que se reveste de uma forte atracção e dinamização turística.



13. Arte Xávega.

Fonte: http://www.fotolog.com/xavega/35569564/#profile_start

2.5.2. Batalha de Flores

Realizada em cidades europeias como Paris, Veneza e Nice, e mais tarde importada pelas novas elites brasileiras que pretendiam recriar no Rio de Janeiro o ambiente cosmopolita parisiense, a batalha de flores teve uma forte tradição em Espinho nos finais do século XIX e na primeira metade do século XX. Tratava-se de um evento com uma forte envolvência comunitária já que era organizado por diversas associações espinhenses, colónia balnear portuguesa e espanhola e população nativa que participava de forma ativa nos festejos. Património da cidade de Espinho, a recriação histórica da Batalha de Flores é um projeto de elevado cariz cultural e turístico e que se pretende assumir como um elemento diferenciador da rota das grandes recriações históricas do norte de Portugal e Galiza e, também, como um fator de dinamização económica do concelho. As associações, empresas, escolas e outras instituições locais serão sempre os protagonistas de um projeto imbuído de um apurado rigor histórico e técnico e cujo produto final é uma mais-valia para promover o património imaterial espinhense e as suas gentes dentro e fora do país.



14. Batalha de Flores.

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/EspinhoPost15.htm>

2.5.3. Os Banhos de Mar em Espinho – “Vir a Banhos”

A prática organizada dos banhos de mar em Espinho remonta às primeiras décadas do século XIX e constitui-se, ainda hoje, como um produto turístico de excelência que potencia o crescimento e o desenvolvimento da cidade. A proximidade com o mar, que em cada esquina se avista, torna a cidade de Espinho um lugar privilegiado e peculiar. O mar, a praia e os modos de vida, de trabalho ou lazer, assumem uma importância fundamental na vida da cidade e foram no passado e continuam a ser no presente fontes preciosas de sustento de várias gerações de espinhenses.

Preenchem, ainda hoje, diversas dimensões do nosso quotidiano e ocupam inúmeros recantos da nossa memória coletiva.

A organização da praia de norte para sul está confinada a diversos concessionários que proporcionam aos veraneantes uma estada no espaço balnear com conforto e segurança, interligando os conceitos de praia terapêutica e de praia lúdica de forma harmoniosa, contemplando diversas valências que vão desde os apoios de praia à prática de desportos de mar.

A interligação entre os elementos sol e mar, piscina solário atlântico, balneário marinho, hotelaria e restauração, jogo de fortuna ou azar e golfe, são o motor de desenvolvimento e oferta turística do concelho. Nesse sentido, e reconhecendo a importância social, económica, cultural e turística das práticas associadas aos banhos de mar, a Câmara Municipal de Espinho, organiza, de dois em dois anos, a recriação histórica do “Vir a Banhos”, para a qual tem contado com a colaboração de diversos agentes culturais do concelho.



15. Os banhos de mar em Espinho. Fonte: Espinho TV

A recriação de uma praia do início do século XX, resulta de uma apurada investigação e rigor histórico imposto nas diversas ações dos figurantes, numa simbiose entre o mar e os banhistas e que permite aos turistas ficarem com uma visão mais ampla da forma como se organizava a ancestral prática do ir a banhos.

2.5.4. Jogo de fortuna ou azar

A praia de Espinho foi durante os séculos XIX e XX, e continua a ser nos nossos dias, uma estância balnear muito procurada devido a três elementos patrimoniais que marcam profundamente o quotidiano da urbe: a praia, a feira semanal e o jogo de fortuna ou azar.

Este último, começou por se enraizar a partir da segunda metade do século XIX nos cafés e tabernas que dispunham de salas próprias, denominadas de casinos e, em 1899, foi o elemento fundamental para a conquista da autonomia concelhia da freguesia de Espinho, à época ligada ao concelho da Feira.

A história da prática do jogo em Espinho está imortalizada nas obras literárias “As Farpas” e “As Praias de Portugal. Guia do Banhista e do Viajante”, de Ramalho Ortigão, através das quais o autor esmiúça todas as questões sociais e culturais relacionadas com o jogo em Espinho. A partir do Decreto-Lei de regulamentação do Jogo de 1927, os concessionários das zonas de jogo e as Câmaras Municipais foram obrigados a encetar um conjunto de medidas concretas para dotarem as localidades com casinos de um conjunto de infraestruturas ligadas ao sector do turismo, da cultura, do desporto e do desenvolvimento estratégico local. A partir de 1972 e com a constituição da Solverde – Sociedade de Investimentos Turísticos da Costa Verde S.A., o desenvolvimento e o investimento financeiro em infraestruturas no concelho acelerou, conjugando a concessionária do jogo, as vertentes do lazer, animação, cultura, investimento e emprego. Património imaterial da cidade de Espinho, o jogo de fortuna ou azar constitui-se como elemento primordial de afirmação económica, social e turística da cidade de Espinho e região envolvente.



16. Jogos de fortuna e azar.

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/EspinhoPost15.htm>

2.5.5. Festival Internacional de Música de Espinho – FIME

O Festival Internacional de Música de Espinho é a par do Cinanima, o maior evento cultural que anualmente se realiza na cidade de Espinho. O primeiro festival foi realizado em 1964, por iniciativa direta da Academia de Música de Espinho e do seu fundador, o professor Mário Neves, e foi um dos primeiros “Festivais de Verão” a ser realizado no nosso país. Com uma longa tradição no ensino e na divulgação da música, a Academia de Música é responsável pela formação de alguns dos atuais valores da música nacional, pela componente musical da formação de milhares de jovens que veem na prática musical uma parte integrante e fundamental na sua educação e formação e pela dinamização da população espinhense para a atividade musical e para a necessidade do usufruto do concerto e da produção musical.

O FIME, ao longo das mais de três décadas de existência, em etapas de desenvolvimento progressivo ou mais abrupto, tem-se vindo a afirmar como um

Festival de características únicas no País, suscitando a simpatia e a admiração de muitos visitantes de outras paragens que já passaram por Espinho.

Recebe hoje em dias alguns dos melhores intérpretes do mundo nas suas áreas de atividade. O Festival Internacional de Música de Espinho é uma das componentes de um projeto vasto e ambicioso que integra, além de um projeto pedagógico num novo edifício, vários espaços para a realização de espetáculos e uma orquestra semiprofissional: a Orquestra Clássica de Espinho. Património imaterial da cidade, o FIME é do ponto de vista cultural e artístico um fator chave na dinamização e promoção do turismo cultural do concelho de Espinho e da região envolvente.



17. Festival Internacional de Música de Espinho.
Fonte: <http://www.dacapo.pt/seccao-FIME---Festival-Espinho>

2.5.6. Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho – CINANIMA

O Festival Internacional de Cinema de Animação – CINANIMA, é um dos maiores eventos culturais que anualmente se realizam em Espinho e é o fiel portador da tradição cinematográfica nascida em Espinho no ano de 1896. Desde 1976, ano do primeiro festival, e ao longo do tempo criaram-se os traços fortes de um temperamento adequado a um festival simples e ambicioso. A vocação didática do CINANIMA completa a fisionomia peculiar de um festival e de uma cidade que se vai habituando, com uma ponta de orgulho, ao seu festival.

Espinho sabe as oportunidades que, ano a ano, se lhe deparam para entrar no mundo fantástico da criação. O CINANIMA é um festival de cinema de animação organizado pela NASCENTE Cooperativa de Ação Cultural, C.R.L. juntamente com a Câmara Municipal de Espinho.

Desde a sua primeira edição, tem desenvolvido uma atividade regular na divulgação desta forma cinematográfica e dos seus autores, naquele que é considerado um projeto precursor da descentralização cultural portuguesa, tendo-se conseguido afirmar como um evento de relevo internacional fora dos grandes centros de Lisboa e Porto. A oportunidade de apresentar um filme no CINANIMA significa para muitos profissionais uma das poucas possibilidades de poder mostrar ao público o fruto do seu trabalho e esforço, para além dos privilégios a que os premiados têm direito. Todos os vencedores de prémios no CINANIMA ficam automaticamente apurados para o concurso europeu de melhor filme de animação o “Cartoon D’Or”, organizado pela CARTOON – European Association of Animated Film. Por outro lado, o vencedor do Grande Prémio do CINANIMA fica apurado para o pré-concurso às nomeações para os Óscares da Academia de Hollywood. Ao longo destes mais de 30 anos de atividade, o

CINANIMA contribuiu para a criação de novos públicos para este género, permitindo que o cinema animado pudesse ser reconhecido pelo grande público como um género nobre, afastando o habitual pré conceito redutor de que os desenhos animados são para crianças, e consagrando a animação como uma plataforma de comunicação artística multidisciplinar por excelência.

Para além de facilitar o contacto entre os profissionais do ramo e entre estes e o público, o CINANIMA aposta um forte empenho na formação dos profissionais da área e do público em geral, vindo nos últimos anos a desenvolver um programa formativo com várias áreas de saber ligadas às artes visuais, que alarga o leque de oferta a quem frequenta e visita o festival. É, sem dúvida, uma tela de oportunidades que se abre e que permite, através da imagem animada, afirmar o potencial turístico da cidade.



18. Imagem da curta-metragem premiada no festival em 2015 - The Master – Riho Unt – Estónia.
Fonte: <http://www.tsf.pt/cultura>

2.5.7. Feira Semanal

As feiras e os mercados assumiram, e ainda assumem, um papel importante na estrutura do comércio interno de algumas vilas e pequenas cidades do país. Funcionavam como um ponto de encontro e de troca dos mais diversos produtos, levados por lavradores e pequenos comerciantes.

Estes espaços constituíam um pólo de atração das populações rurais, desempenhando um fator decisivo na economia destas sociedades.

A primeira feira realizada na praça de Espinho ocorreu no dia 1 de Julho de 1894. Realizava-se nos dias 1 e 16 de cada mês com importantes transações de gado vacum e fazendas, calculando-se que se tenham apresentado na primeira feira perto de quatrocentas juntas de bois, motivo de contentamento para os lavradores e negociantes das redondezas. A elevada frequência das populações vizinhas e também de muitos banhistas, dava à feira um “aspecto mimado e atraente”.

Com o decorrer dos anos e devido à grande afluência de compradores e vendedores, o município passou a feira de quinzenal para semanal, foi regulamentando as vendas e distribuiu de forma sectorial pelos feirantes. O alargamento para sul da rua 23 começou a ser efetuado na década de 60 do séc. XX, e os valores cobrados pela utilização dos lugares constituíram, no decorrer desse século, uma importante fonte de receita para a Câmara Municipal. Em 1989, com a construção do edifício do Tribunal Judicial no recinto primitivo da feira semanal, levou o Município a deslocar o espaço da feira para sul da rua 23.

A partir de 1989 a venda por grosso, ou revenda, passou a realizar-se às sextas-feiras. Em 1986 começou a realizar-se, no primeiro Domingo de cada mês, uma feira de antiguidades, artesanato e colecionismo, nos terrados da feira semanal situados entre as ruas 24, 25 e 27. A Feira semanal é, sem dúvida, um auxiliar do próprio comércio local, pela afluência de público que, todas as semanas, aproveita para visitar Espinho, usufruindo da excelente rede de transportes públicos. Os compradores são oriundos das freguesias do concelho e cidades vizinhas.

É, também, um fator de desenvolvimento económico do Município, através das receitas geradas pelo aluguer do espaço. Este ex-líbris da cidade, representa um grande cartaz turístico, de nível nacional e internacional, pela variedade de produtos e pela conservação do antigo costume da venda direta do produtor ao consumidor. É visitada por milhares de turistas, incluindo emigrantes, principalmente na época balnear, aproveitando a compra de produtos nacionais a preços mais convidativos.



19. Feira Semanal.

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/avcultur/postais/EspinhoPost15.htm>

2.5.8. Violinos Capela – três gerações de artistas

Domingos Ferreira Capela nasceu no lugar de Esmojães, freguesia de Anta, no concelho de Espinho, a 22 de Maio de 1904. Oriundo de uma família humilde, cedo manifestou habilidade para as artes do desenho e trabalhos em madeira, primeiro como aprendiz no sector da tanoaria e mais tarde, na marcenaria. É numa oficina em Espinho, que Nicolino Milano, célebre violinista e chefe de orquestra de então, lhe solicita a reparação da “alma” do seu violino. A qualidade deste trabalho foi reconhecida, tinha ele na altura 19 anos, de tal forma, que mais tarde surgiram outras solicitações, permitindo a montagem de uma oficina própria, onde passou a fabricar violinos e outros instrumentos de corda.

Em 1924, forma com um grupo de jovens, a Tuna Musical de Anta, compra o primeiro violino para uso próprio e aprende a tocar. Mais tarde, vende o violino que a mãe lhe tinha comprado e mediante sugestão e orientação de Nicolino Milano constrói o seu próprio instrumento. Nasce então o artesão que se vem a notabilizar na construção de vários tipos de instrumentos de corda. Trabalhou preferencialmente para coletividades musicais amadoras existentes em Espinho e nos concelhos vizinhos e orquestras que atuavam no Casino de Espinho, mas foi nos anos 40 que passou a ter maior notoriedade, com trabalhos para as orquestras Sinfónica do Porto e Nacional, do Teatro de S. Carlos. Na cidade do Porto conheceu a violoncelista Guilhermina Suggia, que o convidou para trabalhar no conservatório de Música do Porto a consertar instrumentos de arco. A partir daqui nunca mais deixou de construir instrumentos de

arco, violas e guitarras, trabalhando na sua oficina situada perto do Largo da Igreja de Anta. No dia 12 de Novembro de 1976 viria a falecer deixando, quer no País, quer além fronteiras, um legado importante como Homem e Artista. O seu filho António Capela seguiu a arte do pai e com um enorme sucesso internacional.

Estudou em Paris e Mirecourt e também em Itália, na cidade de Cremona, com bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian. Os seus estudos permitiram-lhe aperfeiçoar a técnica de construção de violinos.

Em 1963 participou no concurso de Liège, Bélgica, onde ganhou o primeiro prémio na categoria de sonoridade e o quarto na categoria "luthier". No ano de 1967, concorrendo com dois violinos, participou num concurso em Poznan, na Polónia, obtendo um 2.º e um 4.º prémio. O seu maior êxito concretizou-se em 1972, novamente em Poznan, onde concorreu com quatro violinos, alcançando os quatro primeiros lugares e as maiores pontuações de sonoridade e trabalho. Como júri, têm participado em diversos concursos internacionais.

A Câmara Municipal de Espinho concedeu-lhe a Medalha de Prata de Mérito Artístico e em 1991, a Presidência do Conselho de Ministros, condecorou-o com a Medalha de Mérito Cultural, de valor artístico nacional e internacional. É fundador e vice-presidente da Associação Europeia de Construtores de Violinos e Arcos. Seguindo as pisadas do avô e do pai, Joaquim Capela, construiu o seu primeiro violino aos 13 anos e pouco depois participou no seu primeiro concurso internacional. Têm alcançado vários prémios em concursos realizados na Itália, Polónia, Alemanha, Bulgária, e Japão, mantendo uma tradição familiar que já vai na terceira geração.

Os violinos Capela são hoje uma imagem de marca do turismo cultural do concelho e refletem o que há de melhor na área das indústrias criativas.



20. Violinos Capela

Fonte: <http://fotos.sapo.pt/local/fotos/?uid=epOWZzOMhen2bWqhFipt&aid=61>

2.5.9. Festas religiosas

As festas religiosas são práticas sociais seculares que estão disseminadas por todas as freguesias e que remontam às primeiras décadas do século XVIII. Estão intimamente ligadas aos padroeiros das freguesias, aos seus lugares e ao património religioso edificado.

Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Calvário, Senhor dos Passos e Nossa Senhora do Mar (Silvalde), Santo Estevão e Nossa Senhora da Guia (Guetim), S.

Vicente, Nossa Senhora dos Altos Céus e S. Mamede, e S. Martinho (Anta), S. Tirso (Paramos), Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro (Espinho), são cultos onde o religioso e profano se misturam, potenciando um produto turístico no qual as paróquias desempenham um papel central, nomeadamente na promoção e dinamização do turismo cultural e religioso, com naturais reflexos na economia e comércio local.



21. Festas religiosas. Fonte: <http://www.diarioaveiro.pt/noticias>

3. CONCLUSÃO

O património cultural define-se como um conjunto de marcas que nos identificam, deixadas através dos tempos, conferindo identidade aos lugares, distinguindo-os, deixando memórias que merecem ser preservadas e continuadas.

Seja através da sua arquitetura ou vestígios arqueológicos, seja através da paisagem e valores naturais, seja através da cultura, existe um franco compromisso de assegurar estas premissas.

Pelo referido, com base na realização de um diagnóstico sistemático das suas potencialidades e fragilidades, na avaliação da sua viabilidade, e da exequibilidade dos seus objetivos, o Património, nas suas diversas amplitudes, é assumidamente um elemento fulcral no desenvolvimento do território.

A sua reavaliação, o seu entendimento, enquanto elemento integrante da estrutura urbana e interveniente nas relações morfológicas, a sua preservação e a sua recuperação física, funcional e social, são dinâmicas a considerar.

O Concelho de Espinho, pela sua especificidade, tem presente essa identidade a nível do Património.

É portanto importante preservar, manter e reabilitar o património como atos que traduzem o reconhecimento da nossa memória.

4. Fontes Documentais - Património Arqueológico

Castro de Ovil

AZEVEDO, Pedro A. (1897). O território do antigo Castro de Ovil. *O Archeologo Português*. Lisboa. 3, p. 137-142.

BRANDÃO, Francisco A. (1982). Notícia da localização do Castro de Ovil em Paramos. *Espinho - Boletim Cultural*. Espinho. Vol. IV, Nº 14, p. 175-182.

SALVADOR, Jorge Fernando; SILVA, António Manuel S. P.; SÁRRRIA, Carlos A. (2005). O Centro Interpretativo do Castro de Ovil (Espinho): a construção de um espaço de memória. In Jorge, Vítor Oliveira (coord. de) - *Conservar Para Quê? 8.ª Mesa-redonda de Primavera*. Porto e Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, p. 303-326.

SALVADOR, Jorge Fernando (2010). O Castro de Ovil (Espinho), um povoado da Idade do Ferro. In *Arqueologia da Terra de Santa Maria: balanços e perspectivas*. Santa Maria da Feira: Liga dos Amigos da Feira, 2010, p. 53-73

Complexo Arqueológico de Silvalde

ALVES, Francisco J. S. [et. al.] (1989). A armadilha de pesca da época romana descoberta na praia de Silvalde. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, Vol. 6/7 (1989-89), p. 187-226.

Sítio da Igreja Velha

GONÇALVES, A. Nogueira (1981). Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte. Lisboa: Acad. Nac. de Belas Artes.

MATTOSO, José [et. al.] (1993). A Terra de Santa Maria no século XIII. Problemas e documentos. Santa Maria da Feira: Comissão de Vigilância do Castelo.

RODRIGUES, Albertino de Sousa (1987). S.to Estevão de Guetim - A Paroquia - (Subsídios para uma Monografia). Anta.

SOUSA, Arlindo de (1963). O Concelho de Espinho. Notas do seu passado medieval (Sécs. IX-XVI). Arquivo do Distrito de Aveiro. Aveiro. Vol. 29, Nº 113, p. 3-26.

Troços da Via Romana (Paramos e Anta/Guetim)

PINTO, Rui Serpa (1932). Cemitério Bárbaro de Esmoriz. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE. Vol. 5, p. 250-251.

GONÇALVES, António A. Huet de B. (2006). Notas Arqueológicas de Rui de Serpa Pinto: Necrópole de Chão de Grilo. *Dunas - Temas & Perspectivas. Revista sobre cultura e património da região de Ovar*. Ovar: Câmara Municipal. Nº 6, p. 3-18.

MATTOSO, José [et. al.] (1989). *O Castelo e a Feira. A Terra de Santa Maria nos séculos XI a XIII*. Lisboa: Editorial Estampa.

RODRIGUES, Albertino de Sousa (1996). *S. Martinho de Anta. Subsídios para uma Monografia*. Anta. I.

Mosteiro de S. Martinho de Anta

GONÇALVES, A. Nogueira (1981). *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

MATTOSO, José [et. al.] (1989). *O Castelo e a Feira. A Terra de Santa Maria nos séculos XI a XIII*. Lisboa: Editorial Estampa.

RODRIGUES, Albertino de Sousa (1996). *S. Martinho de Anta. Subsídios para uma Monografia*. Anta. I.

Antiga Igreja de S. Mamede de Esmoijães

GONÇALVES, A. Nogueira (1981). *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

Memórias Paroquiais - Anta (1758). IAN/TT, microfilme 289, volume 4, memória 23, p. 123 a 126.

RODRIGUES, Albertino de Sousa (1996). *S. Martinho de Anta. Subsídios para uma Monografia*. Anta. I.

Antiga Igreja de Santo Tirso de Paramos

BRANDÃO, Francisco Azevedo (1981). Igrejas e Capelas de Paramos. *Espinho - Boletim Cultural*. Espinho. Vol. 3, Nº 11/12, p. 349-359.

GONÇALVES, A. Nogueira (1981). *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

SÁ, Manuel F. (1937). *Monografia de Paramos*. Figueira da Foz: Tip. Popular

Antiga Igreja De S. Tiago De Silvalde

FAUSTINO, Artur (2000). *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*. Silvalde: Junta de Freguesia.

GONÇALVES, A. Nogueira (1981). *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

OLIVEIRA, Miguel de (1936). Inquirições de D. Afonso II na Terra de Santa Maria. *Arquivo do Distrito de Aveiro*. Aveiro. Vol. 2, Nº 5, p. 71-74.

Antiga Capela de Nossa Senhora das Dores

FAUSTINO, Artur (2000). *Silvalde. Paróquia e Freguesia Milenária*. Silvalde: Junta de Freguesia.

Memórias Paroquiais - Silvalde (1758). IAN/TT. Microfilme 584, volume 35, memória 163, p. 1217 a 1223.

Casa dos Morgados

GONÇALVES, A. Nogueira (1981). *Inventário artístico de Portugal. Distrito de Aveiro. Zona Norte*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

SÁ, P.º Manuel F. (1937). *Monografia de Paramos*. Figueira da Foz: Tipografia Popular.

5. ANEXO I – Listagem dos elementos identificados - Património Cultural

REF. ^a	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
AG1	Escola Anta 2	Rua Escola da Quinta	Plano Centenário	Anta/Guetim
AG2	Capela de S.Vicente	Largo de São Vicente	Religiosa	Anta/Guetim
AG3	Casa	Rua da Idanha 1116	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Anta/Guetim
AG4	Casa	Rua da Idanha	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Anta/Guetim
AG5	Escola da Idanha	Idanha	Plano Centenário	Anta/Guetim
AG6	Escola da Aldeia Nova	Escola da Aldeia Nova	Plano Centenário	Anta/Guetim
AG7	Igreja Paroquial de Guetim	Largo de Santo Estevão	Religiosa	Anta/Guetim
AG8	Cruzeiro da Igreja Paroquial de Guetim	Largo de Santo Estevão	Religiosa	Anta/Guetim
AG9	Moinho Hidráulico do Rodízio do Praule	Praule	Cariz etnológico	Anta/Guetim
AG10	Moinho Hidráulico do Rodízio da Picadela	Picadela	Cariz etnológico	Anta/Guetim
AG11	Auditório/Academia de Música de Espinho	Rua 34 884	Contemporâneo	Anta/Guetim
AG12	Igreja Paroquial de Anta	Largo da Igreja	Religiosa	Anta/Guetim
AG13	Cruzeiro da Igreja Paroquial de Anta	Largo da Igreja	Religiosa	Anta/Guetim
AG14	Associação Soc.Mútuos S.Francisco de Assis a Anta	Rua de São Martinho de Anta 987	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Anta/Guetim
AG15	Casa	Rua da Guimbra	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Anta/Guetim
AG16	Capela de Nª Senhora da Conceição ou de Lourdes	Rua da Guimbra	Religiosa	Anta/Guetim
AG17	Moinho Hidráulico do Rodízio do Carvalhal de Baixo	Carvalhal de Baixo	Cariz etnológico	Anta/Guetim
AG18	Capela de Nª Senhora	Altos Céus	Religiosa	Anta/Guetim
AG19	Conjunto de três Cruzeiros em redor da Capela de Nossa Senhora	Altos Céus	Religiosa	Anta/Guetim
AG20	Escola EB1 Esmojães	Rua das Escolas	Plano Centenário	Anta/Guetim
AG21	Moinho Hidráulico do Rodízio do Gavião	Gavião	Cariz etnológico	Anta/Guetim
E1	Vila Maria	Rua 62 667	"Casa de Brasileiro"	Espinho
E2	Casa	Rua 62 666	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E3	Casa	Rua 16 42	Modernismo	Espinho
E4	Casa	Rua 7 215	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E5	Casa	Gaveto entre a Rua 9 e Rua 64 204 206 307 309	Modernismo	Espinho
E6	Piscina Solário Atlântico	Gaveto entre a Rua 13 e Rua 6 380	Modernismo	Espinho
E7	Casa	Avenida 8 364	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E8	Casas - Antigo Hospital da Santa Casa da Miseric.	Rua 8 331 333	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho

REF. ^a	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
E9	Casa	Rua 62 175	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E10	Casa	Rua 14 394 404	Modernismo	Espinho
E11	Casa	Rua 62 251	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E12	Casa	Rua 62 319 321 323	Modernismo	Espinho
E13	Casa	Gaveto entre a Rua 9, Rua 62 e Rua 18 416 288 290 292 351	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E14	Casa	Rua 62 312 318	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E15	Casa	Rua 62 338 326 320	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E16	Casa	Rua 11 465 473	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E17	Casa	Rua 11 475 483	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E18	A.S.M.F.F.E.	Rua 22 321 327	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E19	Casa	Gaveto entre a Rua 22 e Rua 11 615 349	Modernismo	Espinho
E20	Casa	Rua 20 371	Modernismo	Espinho
E21	Casa	Rua 18 359	"Casa Portuguesa"	Espinho
E22	Casa	Rua 18 360	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E23	Casa	Rua 16 384 390	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E24	Casa	Rua 16 396	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E25	Casa	Rua 16 406	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E26	Casa	Rua 16 416	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E27	Casa	Rua 16 424	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E28	Casa	Rua 16 430	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E29	Casa	Rua 16 46	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E30	Casas	Gaveto entre a Rua 16 e Rua 15 440 448 458 355	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E31	Casa	Rua 16 385	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E32	Casa	Rua 16 399 401	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E33	Casa	Rua 16 411	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E34	Casa	Rua 18 403	"Casa Portuguesa"	Espinho
E35	Casa	Rua 18 415	"Casa Portuguesa"	Espinho
E36	Casa	Rua 18 427 429 419	Modernismo	Espinho
E37	Casa	Rua 18 435 439	Modernismo	Espinho
E38	Casa	Rua 15 475 479	Modernismo	Espinho
E39	Casa	Rua 20 405	"Casa Portuguesa"	Espinho
E40	Casa	Rua 15 559 557	Modernismo	Espinho

REF. ^a	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
E41	Casa	Gaveto entre a Rua 18 e Rua 15 487 485 481 477 473 469 467 465 440 442 444 491	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E42	Casa	Rua 18 505	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E43	Casa	Rua 20 492 500 502 510	Modernismo	Espinho
E44	Câmara Municipal de Espinho	Praça Dr. José Salvador	"Casa Portuguesa"	Espinho
E45	Casa	Rua 15 598 602 606	"Casa Portuguesa"	Espinho
E46	Antiga Escola Primária Espinho 1 - Univer.Sénior	Rua 19 609	"Casa Portuguesa"	Espinho
E47	Casa	Rua 15 708 712	"Casa Portuguesa"	Espinho
E48	Antiga Academia Música de Espinho	Gaveto entre a Rua 26 e Rua 19 522 723	"Casa de Brasileiro"	Espinho
E49	Palacete Rosa Pena	Quarteirão Ruas 19 26 15 28	"Casa de Brasileiro"	Espinho
E50	Casa	Gaveto entre a Rua 21 e Rua 28 826 631	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E51	Vila Cardoso	Rua 21 840	"Casa de Brasileiro"	Espinho
E52	Casa dos Girassais ou Vila S.José	Rua 30 646	"Casa de Brasileiro"	Espinho
E53	Casa Mar e Sol	Rua 30 769 793	"Casa Portuguesa"	Espinho
E54	Casa	Rua 25 735 827	Modernismo	Espinho
E55	Casa	Rua 25 751	Modernismo	Espinho
E56	Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva	Avenida 24	Contemporâneo	Espinho
E57	Casa	Rua 19 457 459	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E58	Casa	Rua 19 455 451 445	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E59	Casa	Gaveto entre a Rua 18 e Rua 19 443 441 437 541 537 533	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E60	Antigo Banco Nacional Ultramarino	Gaveto entre a Rua 18 e Rua 19 409 421 526	Modernismo	Espinho
E61	Casa	Rua 19 405 401	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E62	Casa	Rua 19 391 393 395 397	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E63	Casa	Rua 19 337 339	Modernismo	Espinho
E64	Casa	Rua 19 325 333 329	Modernismo	Espinho
E65	Casa	Rua 19 323 321 319 317	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E66	Casa	Rua 19 315 311	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E67	Casa	Rua 19 295 297	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E68	Casa	Rua 19 285 287	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E69	Casa	Rua 19 283 281	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E70	Casa	Rua 19 275 277	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E71	Casa	Rua 19	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho

REF. ^a	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
E72	Padaria Aipal	Rua 19 247 249	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E73	Casa	Rua 19 215 221 223	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E74	Casa	Rua 19 173 177 187 189	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E75	Casa	Rua 62 41	Modernismo	Espinho
E76	Casa	Rua 62 29 35 37	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E77	Casa	Rua 62 6 8 10	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E78	Café Cristal	Gaveto entre as Ruas 8, 15 e 62 43 212 463 469 465	Modernismo	Espinho
E79	Casa Alves Ribeiro	Gaveto entre a Rua 19 e Rua 14 592 582 578 576 574 572 568 294 292 290 286	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E80	Casa	Gaveto entre a Rua 14 e Rua 19 310 318 322 579	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E81	Casa	Rua 19 326 330 336 342 346 352	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E82	Casa	Rua 19 326 330 336 342 346 352 356	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E83	Casa	Rua 19 444 446	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E84	Casa	Rua 19 448 450 452	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E85	Casa	Rua 19 454 456 460 462	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E86	Casa	Rua 18 21	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E87	Casa	Rua 16 622 636	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E88	Capela de Santa Maria Maior	Rua 8	Religiosa	Espinho
E89	Junta de Freguesia de Espinho	Gaveto entre a Rua 12, Rua 14 e Rua 23 688 689 271	"Casa Portuguesa"	Espinho
E90	Casa	Rua 18 651 657	Modernismo	Espinho
E91	Casa	Rua 18 e Rua 20 659 663 667	Modernismo	Espinho
E92	Casa	Rua 18 671 675	Modernismo	Espinho
E93	Casa	Rua 4 790	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E94	Casa	Rua 8 735 737 739	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E95	Casa	Gaveto entre as Ruas 25 e 8 175 177 191 193 195 745 755	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E96	Casa	Gaveto entre as Rua 12 e Rua 25 787 260	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E97	Casa	Rua 25 315 325	Modernismo	Espinho
E98	Casa	Gaveto entre a Rua 23 e Rua 16 358 360 364 366 374 748	Modernismo	Espinho
E99	Casa	Gaveto entre a Rua 20 e Rua 23 728 466	"Casa Portuguesa"	Espinho
E100	Casa	Gaveto entre as Ruas 20 e 23 715 719 721 723 502 506 512 514	Modernismo	Espinho



REF.ª	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
E101	Casa	Rua 20 735	Modernismo	Espinho
E102	Centro Multimeios de Espinho	Avenida 24	Contemporâneo	Espinho
E103	Casa	Rua 26 800 870	Modernismo	Espinho
E104	Casa	Rua 30 861 863	Modernismo	Espinho
E105	Casa	Gaveto entre a Rua 26 e Rua 31 999 774	"Casa de Brasileiro"	Espinho
E106	Igreja Paroquial de Espinho	Rua 18	Religiosa	Espinho
E107	Casa	Rua 18 817 819 821 823	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E108	Casa	Rua 18 825 831	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E109	Casa	Gaveto entre as Ruas 18 e 27 835 427 445 449	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E110	Casa	Gaveto entre a Rua 27 e Rua 16 377 391 837 833	"Casa Portuguesa"	Espinho
E111	Casa / Drogaria Sobral	Gaveto entre a Rua 16 e Rua 25 388 775 779 783 785	Modernismo	Espinho
E112	Casa	Gaveto entre a Rua 16 e Rua 25 364 780	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E113	Casa	Gaveto entre as Ruas 14 e 27 817 351	Modernismo	Espinho
E114	Casa	Rua 14 820 824	"Casa Portuguesa"	Espinho
E115	Casa	Rua 14 830 834	"Casa Portuguesa"	Espinho
E116	Casa	Rua 12 0	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E117	Casa	Rua 8 867	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E118	Casa	Rua 8 879	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E119	Casa	Rua 8 881	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E120	Casa	Rua 8 897	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E121	Vila Natália	Rua 10 893 903	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E122	Casa	Gaveto das Ruas 12 e 29	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E123	Casa	Gaveto das Ruas 10, 29 e 12	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E124	Casa	Rua 12 867	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E125	Casa	Rua 12 885	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E126	Casa	Gaveto entre a Rua 12 e Rua 29 893 261	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E127	Casa	Rua 14 870	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E128	Casa	Rua 14 880	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E129	Vila Ribeiro	Rua 14 896 894	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E130	Casa	Gaveto entre a Rua 14 e Rua 29 904	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E131	Casa	Rua 29 343	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho

REF.ª	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
E132	Casa	Rua 29 349	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E133	Casa	Rua 29 351	Modernismo	Espinho
E134	Casa	Gaveto entre a Rua 16 e Rua 29 365	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E135	Casa	Gaveto entre a Rua 29 e Rua 18 414 920	"Casa Portuguesa"	Espinho
E136	Casa	Rua 31 411 413	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E137	Casa	Gaveto entre a Rua 18 e Rua 31 966 968 417	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E138	Casa	Rua 31 288 294	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E139	Casa	Rua 31 Rua 18	Modernismo	Espinho
E140	Casa	Rua 14 1032	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E141	Casas	Gaveto entre a Rua 20 e Rua 31 990 482	Modernismo	Espinho
E142	Casa	Rua 14 1042	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E143	Escola EB1 Espinho	Rua 22	Plano Centenário	Espinho
E144	Costa Verde - Antiga creche	Rua 18 e Rua 35 1145	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E145	Casa	Rua 16 1086	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E146	Casa	Rua 16 1110	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E147	Casa	Rua 16 1132 1136 1140	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E148	Casa	Rua 14 1121 1123 1129	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E149	Casas	Rua 35 329	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E150	Casa	Gaveto entre a Rua 12 e Rua 33 1071 1075	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E151	Tipografia Espinhense	Gaveto entre a Rua 33 e Rua 14 272 274 280 282 286 288 1072 1076 1078 1080	Modernismo	Espinho
E152	Casa	Rua 14 1082 1090	Modernismo	Espinho
E153	Casa	Rua 14 1086 1110	Modernismo	Espinho
E154	Casa	Rua 14 1185	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E155	Casa	Rua 14 1189	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E156	Casa	Rua 14 1207	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E157	Casa	Gaveto entre a Rua 16 e Rua 35 1171	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Espinho
E158	Fosforeira Portuguesa - Serv.Admin. e Creche	Quarteirão Ruas 20 18 35 37	"Casa Portuguesa"	Espinho
E159	Antiga Fábrica Fosforeira	Rua 37,39,18,20	Modernismo	Espinho
E160	Vila Maria	Rua 22 1304	"Casa Portuguesa"	Espinho
E161	Capela de S.Pedro	Rua 41	Religiosa	Espinho
E162	Fórum Arte e Cultura de Espinho	Avenida São João de Deus	Contemporâneo	Espinho
E163	Chaminé do FACE	FACE	Industrial	Espinho

REF. ^a	DESIGNAÇÃO	MORADA	TIPO ARQUITETURA	FREGUESIA
P1	Capela da Nossa Senhora da Aparecida	Lugar da Praia	Religiosa	Paramos
P2	Cruzeiro da Capela da Nossa Senhora da Aparecida	Lugar da Praia	Religiosa	Paramos
P3	Capela de Nossa Senhora da Guia	Relva	Religiosa	Paramos
P4	Escola do Monte	Paramos	Plano Centenário	Paramos
P5	Capela do Senhor do Calvário	Rua do Calvário	Religiosa	Paramos
P6	Castro de Ovil	Castelo Monte Paramos	Arqueológico	Paramos
P7	Casa dos Morgados	Rua da Quinta 659 669	Arqueológico	Paramos
P8	Escola EB1 Bouça	Rua das Escolas	Plano Centenário	Paramos
P9	Casa	Rua Padre de Sá	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Paramos
P10	Casa	Tv. do Junqueiro	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Paramos
P11	Junta de Freguesia de Paramos	Travessa da Junta	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Paramos
P12	Casa	Rua Padre de Sá	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Paramos
P13	Casa	Rua Padre de Sá	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Paramos
P14	Casa	Rua Padre de Sá	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Paramos
P15	Cruzeiro da Igreja Paroquial de Paramos	Igreja Paroquial de Paramos	Religiosa	Paramos
P16	Igreja Paroquial de Paramos	Largo da Igreja	Religiosa	Paramos
P17	Escola EB1 Lomba	Rua dos Tanoeiros	Plano Centenário	Paramos
P18	Cruzeiros dos Passos	Entre o Lugar da Relva e Lugar do Monte	Religiosa	Paramos
S1	Capela de N ^a Senhora do Mar	Rua Nossa Senhora do Mar	Religiosa	Silvalde
S2	Escola EB1 Marinha	Bairro Piscatório	Plano Centenário	Silvalde
S3	Moinho Hidráulico do Rodízio das Escadas da Relva	Escadas da Relva	Cariz etnológico	Silvalde
S4	Moinho Hidráulico do Rodízio de Covelos	Covelos	Cariz etnológico	Silvalde
S5	Cruzeiro da Capela da Nossa Senhora das Dores	Covelos	Religiosa	Silvalde
S6	Capela de Nossa Senhora das Dores	Largo Nossa Senhora das Dores Covelos	Religiosa	Silvalde
S7	Igreja Paroquial de Silvalde	Estrada de São Tiago	Religiosa	Silvalde
S8	Cruzes dos Passos	Da Igreja Paroquial de Silvalde à Capela do Calvário	Religiosa	Silvalde
S9	Conjunto devocional das Capelinhas dos Passos	Silvalde	Religiosa	Silvalde
S10	Casa	Rua da Boa Nova 165	Final Séc.XIX Início Séc.XX	Silvalde
S11	Capela de N ^a Senhora da Boa Hora ou Boa Nova	Rua da Boa Nova	Religiosa	Silvalde
S12	Escola do Calvário	Silvalde	Plano Centenário	Silvalde
S13	Capela do Nosso Senhor do Calvário	Largo do Calvário	Religiosa	Silvalde
S14	Complexo Arqueológico (Armadilha de Pesca)	Silvalde	Arqueológico	Silvalde